

Darcy Ribeiro e a UnB

a universidade
necessária no
século XXI

Murilo Silva de Camargo
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Alexandre Simões Pilati
Esther Bemerguy de Albuquerque
(org.)



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

Darcy Ribeiro e a UnB

a universidade
necessária no
século XXI

Murilo Silva de Camargo
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Alexandre Simões Pilati
Esther Bemerguy de Albuquerque
(org.)

Coordenação de produção editorial : Equipe editorial
Marília Carolina de Moraes Florindo

Assistência editorial : Jade Luísa Martins Barbalho
Emilly Dias de Matos

Revisão : Ana Alethéa Osório

Diagramação : Wladimir de Andrade Oliveira

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Telefone: (61) 3107-3700
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
desta publicação poderá ser armazenada
ou reproduzida por qualquer meio sem a
autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Heloiza dos Santos – Bibliotecária – CRB 1/1913

D214 Darcy Ribeiro e a UnB : a universidade necessária no
século XXI / organizadores, Murilo Silva de Camargo
... [et al.]. – Brasília : Editora Universidade de
Brasília, 2022.
200 p. ; 23 cm.

ISBN 978-65-5846-120-3 (impresso).
ISBN 978-65-5846-114-2 (e-book).

1. Ribeiro, Darcy, 1922-1997. 2. Universidade de
Brasília. 3. Universidades e faculdades públicas. I.
Camargo, Murilo Silva de (org.).

CDU 378.4

 Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sumário

Apresentação

- 9** | **Darcy Ribeiro e a UnB:** a universidade necessária no século XXI



Parte I

Os textos de autoria dos estudantes de graduação

- 23** | **Utopia e realidade:** reflexões sobre os rumos da Universidade de Brasília
Alexsandro de Sousa Bandeira
- 33** | **Universidade para quê?** A universidade está sintonizada com o melhor do saber universal e com a sociedade brasileira?
Cesar Rodrigues van der Laan
- 43** | **A criatividade para a realização da visão universitária de Darcy Ribeiro**
Cristiano Hoppe Navarro
- 51** | **Universidade de Brasília, universidade-utopia**
Júlia Guimarães Stoimenoff Brito
- 59** | **A UnB de Darcy Ribeiro:** a aproximação entre o saber e as questões de uma realidade social
Nicole Ferro Antunes de Oliveira
- 67** | **Darcy Ribeiro:** sonhos interrompidos
Victor Eduardo Alves Rocha



Parte II

Os textos de autoria dos estudantes de pós-graduação

- 81** | **A universidade sonhada por Darcy Ribeiro:**
o papel da Biblioteca Central da UnB e da
Editora UnB na busca pela utopia necessária
Ana Flávia Lucas de Faria Kama
- 91** | **O papel da universidade e o contexto da
pandemia:** um ensaio à luz dos ensinamentos
de Darcy Ribeiro
Andressa Soares Costa
- 105** | **“A universidade necessária”:**
saber humanizado e responsabilidade social
Clerismar Aparecido Longo
- 123** | **Vozes da resistência:** Darcy Ribeiro e a UnB no
debate contemporâneo
Inês Ulhôa
- 137** | **Indo para a Universidade de Darcy:** educação
e liberdade para pensar a partir do Brasil
Kennia Dias Lino
- 145** | **A universidade pública, gratuita,
de qualidade e inclusiva para todos:**
a luta dos povos indígenas para sua inclusão
nas universidades públicas
Luciana Beatriz de Araújo Colombo



- 159 | Universidade para quê e para quem?**
Darcy Ribeiro, Lyra Filho e a UnB no processo de pluralização do ensino superior no Brasil
Marcos Júlio Vieira dos Santos
- 169 | Universidade para mudar gente que muda o mundo: uma autoetnografia para ler a política educacional no Brasil**
Rayane Andrade
- 187 | Darcy Ribeiro e a crítica que não envelhece**
Thaís Coelho Mariano



Darcy Ribeiro e
Oscar Niemeyer
visitam a UnB (1985)

Fonte: Universidade de Brasília.
Arquivo Central. AtoM UnB





Parte I

Os textos de autoria dos
estudantes de graduação

Universidade de Brasília, universidade-utopia

Júlia Guimarães Stoimenoff Brito

Introdução

Não se equivoquem, porém, pensando que a Universidade de Brasília já foi ou só foi. Ela é e sempre será nossa maior ambição.

A UnB é a ambição mais alta da inteligência brasileira, este é o nosso sonho maior, esta é a utopia de quem entre nós tem cabeça para pensar este país e senti-lo com o coração.

(Darcy Ribeiro, 1986, p. 6)

Neste ensaio, a Universidade de Brasília será tratada a partir da perspectiva utópica que imbuíu sua criação e na qual seu idealizador, Darcy Ribeiro, manteve a convicção desde o início do planejamento da nova universidade até o fim de sua própria vida. Em 16 de agosto de 1985, em ocasião da posse de Cristovam Buarque, o primeiro reitor da UnB pós-redemocratização, Darcy pronunciou o discurso “Universidade para quê?”; o discurso exala um clima de esperança e alegria à medida que Darcy relembra e reafirma os valores basilares da Universidade que, naquele momento, parecia renascer após um longo tempo adormecida nas cadeias ideológicas da

ditadura que marcara o país por 21 anos. Em certo momento do discurso, Darcy encaminha aos novos responsáveis pela instituição o seguinte conselho: “você precisam tomar aquele velho estatuto para ler e pensar. É até provável que ele não sirva mais para UnB de hoje, mas nele se incorporam valores permanentes que se tem que recuperar” (Ribeiro, 1986, p. 22). Seguindo o conselho sempre atual de Darcy Ribeiro, o presente ensaio retoma o estatuto da Universidade de Brasília em conjunto com outras obras de referência relativas à UnB com o objetivo de identificar e pensar o sentido da base utópica que orientou a sua implementação e faz um esforço de reflexão sobre o quanto os princípios contidos ali podem ainda ser relevantes para pensar a UnB de hoje.

O projeto da UnB

O primeiro Plano Orientador da UnB, publicado pela Editora UnB em 1962 apresenta, entre outras coisas, os objetivos da nova instituição e o plano de funcionamento inovador que seria responsável por concretizar tais objetivos. Os objetivos podem ser divididos em três grandes eixos: i) a nova universidade, disposta no Planalto Central, deveria contribuir para *desenvolver em Brasília uma identidade cultural* que não apenas se igualasse em riqueza às das outras metrópoles do país, como se tornasse uma referência; ii) A UnB teria o papel de *formar o alto escalão do funcionalismo público* do país; e iii) como centro científico, *ser responsável pela investigação de soluções para os problemas da nação*. Para alcançar esses objetivos, a UnB apresentou um plano de funcionamento que foi o resultado de uma movimentação intelectual que pensou qual modelo de instituição daria conta desses três objetivos; como resposta, o plano estrutural da UnB é, em seu aspecto mais básico, um plano de integração em três níveis: a) integração interna; b) integração nacional e c) integração internacional.

Uma universidade para Brasília

A primeira coisa que se pode perceber a partir dos três objetivos expostos é que a UnB nasce em um contexto de específico: a mudança da capital federal do Rio de Janeiro para o interior do país. Em 1956, inicia-se a construção daquela que viria a ser a nova capital federal – Brasília. A construção da nova capital federal, por sua vez, está inserida em uma época marcada pelo ideal desenvolvimentista

e modernizador da nação. Brasília foi inaugurada em 21 de abril de 1960, quatro anos após o início das obras. A ideia de transferir a capital para o Planalto Central existia desde a época colonial e foi prevista constitucionalmente na primeira constituição republicana, mas só foi implementada no governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961). O governo JK apresentou um programa de 30 metas que objetivava, cada uma, a resolução de um problema do país. A “meta-síntese”, a transferência da capital federal, tinha por principal objetivo a integração da nação e o desenvolvimento do interior do país. O primeiro objetivo da UnB seria, portanto, o de crescer com Brasília, tornando-a uma capital capaz de colocar-se frente a frente aos antigos polos do poder em termos culturais mas, principalmente, como centro do poder. Brasília deveria ser capaz de influenciar as outras metrópoles e tal empreendimento só poderia ser realizado por uma cidade com força moral e riqueza intelectual e cultural, atributos esses que a Universidade de Brasília teria como dever construir na nova capital.

Para isso, a universidade deveria estar aberta à comunidade externa, sendo presença cotidiana e importante na vida da população do Distrito Federal. Por exemplo, o então Centro de Extensão Cultural, como lembra Pompeu Souza: “já no primeiro semestre de funcionamento, oferecia à população da capital nascente nada menos que 48 cursos diversos, desde níveis pré-universitários até de pós-graduação, cursos que levavam a universidade para a cidade e traziam a cidade para universidade” (Ribeiro, 1995, p. 122). Hoje a universidade mantém algum desse espírito aceso com a Extensão formando uma de suas bases de funcionamento, junto com a Pesquisa e o Ensino, cujo objetivo é levar a universidade à população de Brasília.

Ser uma universidade para Brasília, no entanto, não significava apenas essa ideia de construção da cultura, mas, e mais importante, significava criar um centro científico e técnico que viabilizasse as condições para o desenvolvimento da nação. A isso se refere os dois outros objetivos: a criação dos quadros técnicos que comporiam os cargos importantes da administração pública e a investigação científica para identificar as causas e resolver o atraso nacional.

Uma universidade para nação

O primeiro argumento para a construção da UnB foi o de suprir as necessidades da nova capital, mas o fato de a UnB ter se tornado o projetor inovador que se tornou só foi possível porque naquela época, entre os anos 1950 e 1960, existiu, entre a intelectualidade do país, um debate sobre as necessidades de se reformar

o ensino superior. Nesse contexto, embora estivesse em grande parte envolvida com o projeto desenvolvimentista do governo JK, é necessário argumentar que ela tinha seu próprio projeto de desenvolvimento da nação. O diagnóstico final da crítica do ensino superior que levou ao projeto da universidade necessária que seria a UnB é de que, entre outros, os centros universitários tradicionais sofriam com um caráter autárquico entre as diferentes “escolas profissionais”, que não se comunicavam entre si; com o enclausuramento, como falta de contato com a sociedade que dificultava que a universidade de fato entendesse essa sociedade; e com uma divisão entre um ensino ou exageradamente teórico ou simplificada-mente técnico, não capaz de abranger a universalidade necessária para atuar nas diferentes necessidades da nação. Com essa estrutura cristalizada, as universidades tradicionais refletiam a estrutura social dada e não seriam capazes de induzir a transformação ou, nas palavras de Darcy:

o maior desafio que defrontamos consiste, por isso, em elaborar um novo modelo teórico de universidade que permita inverter o seu papel tradicional reflexo do meio social ou réplica mecânica das reclamações ou pressões que se exercem de fora sobre ela, para conformá-la em instrumento de transformação da sociedade (Ribeiro, 1969, p. 37).

Percebe-se, portanto, que esse projeto de universidade é um projeto próprio de desenvolvimento da nação na medida em que a universidade não é mais uma simples resposta ou um reflexo, mas é, por si mesma, o agente essencial da transformação e da construção da nação.

O projeto da UnB, em contraste à estrutura tradicional de universidade, tem como princípio organizador mais basilar a ideia de integração. Essa integração ocorreria em três níveis; a primeira é a integração interna, cujo principal objetivo seria a formação integral. A instituição de uma base humanística comum, permitiria, segundo Darcy, “evitar a proliferação daquela espécie de ‘bárbaro vertical’ de que falava Ortega y Gasset, referindo-se ao personagem surgido em nossa civilização como decorrência do tecnicismo industrial, aquele cientista bitulado que cada dia sabe mais – ‘quase tudo’ – a respeito apenas de uma fatia muito estreita do real [...]” (Ribeiro, 1969, p. 249). Essa ideia não é “antiespecialista”, pelo contrário, defende Darcy que o especialista formado a partir dessa estrutura, por poder seguir as combinações quase infinitas de caminho formativo, seria o

mais único, e o modelo de formação seria o mais amplo possível, de modo que qualquer nova demanda que surgisse no processo de desenvolvimento da nação poderia ser rapidamente absorvida pela universidade em forma das combinações possíveis de percurso formativo e atendida por um especialista.

A Universidade de Brasília, com sua tripartição funcional dividida entre institutos centrais de ciência, responsáveis pela base comum científica cumprida por todos os alunos nos dois primeiros anos; faculdades, responsáveis pela formação técnica propriamente dita, e os diversos órgãos complementares “instituídos para prestar serviços a toda comunidade universitária e para pôr a universidade em contato com a com a sociedade global” (Ribeiro, 1969, p. 249) funcionaria assim como um todo coeso, como Darcy Ribeiro acreditava que deveria ser o *campus* universitário: não só como um espaço físico, mas como um espírito de articulação funcional da universidade que impediria que ela incorresse nos mesmos vícios da universidade tradicional que, em seu isolamento e na sua cristalização, não era capaz de formar o profissional necessário.

A velocidade com a qual a UnB poderia atender às demandas na nação não é uma consequência apenas da estrutura interna e flexível da universidade, mas ao fato de que UnB deveria estar integrada a tudo que compõe a nação, o que inclui certamente toda a administração pública, empresas e companhias privadas, as forças armadas, as instituições de arte e cultura e qualquer outra parte integrante da vida nacional. A UnB estaria presente como parte essencial de todas essas áreas, na formação dos quadros profissionais que atuariam como uma presença científica, pronta a identificar os atrasos e os problemas no desenvolvimento de cada uma dessas partes e apta a procurar as soluções necessárias – a isso chama-se aqui integração nacional. Por fim, a UnB seria uma universidade preocupada com a integração internacional. Ela deveria ser um modelo daquilo que deveriam ser as universidades do futuro dos “países atrasados”.

A universidade utópica: considerações finais

Todo o exposto até aqui corresponde àquilo que era pensado como o que podemos chamar de *utopia concreta UnB*, caso o seu projeto original se efetivasse enquanto tal – o que, de fato, nunca aconteceu. Em 1964, apenas dois anos após sua criação, esse projeto foi interrompido e a UnB, posteriormente, reestruturada de modo a satisfazer aos objetivos ideológicos da ditadura. De utopia concreta,

portanto, a UnB passa a projeto ideológico. Tal acontecimento não significou, no entanto, a interrupção literal da universidade, uma vez que ela continuou operando durante toda a ditadura. Com a redemocratização, uma questão natural que se colocou é se seria possível retomar o projeto original. Como podemos constatar, essa retomada nunca ocorreu. E, no entanto, aqui estamos nós, novamente recorrendo aos textos de Darcy; a pergunta, portanto, é: o que há nesses textos que nos mobiliza a retomá-los reiteradamente ao decorrer dos anos e do percurso que a universidade trilhou e que muito pouco lembra a visão que Darcy um dia teve do que a seria a UnB? E a resposta é que o princípio utópico que serviu de base para criação da UnB precisa ser entendido sob dois aspectos: o concreto e o abstrato (Bloch, 2005, p. 142-149). O princípio utópico concreto corresponde à utopia entendida em seu aspecto realizável, seu plano de potencial concretude. O princípio utópico abstrato corresponde à forma de uma construção ideal que atuaria como uma “força mobilizadora” de categorias que podem ser, posteriormente, reorganizadas sob a forma de utopia concreta, para então serem realizados no mundo das coisas; o que resta do projeto da UnB é exatamente esse ideal abstrato organizador.

Portanto, a tarefa que cabe é saber como mobilizar esse potencial abstrato utópico organizador e, de novo, aqui, voltamos a nos referir ao próprio Darcy, que pareceu prever a chegada desse momento e nos deixou com a característica fundamental desse ideal utópico, em seu cerne imperativo de avaliação e questionamento constante de seus próprios pressupostos do concreto:

Esta característica exige que o modelo proposto seja um padrão ideal permanentemente revisto, a fim de que possa apresentar-se, em cada momento, como o objetivo que dará sentido e justificará os diversos projetos concretos que tendam a atingi-lo como etapas de transição (Ribeiro, 1969, p. 170).

Sob esse aspecto, a utopia abstrata representa um parâmetro de orientação que requer uma permanente atitude de autoavaliação de seus próprios pressupostos. Foi a concepção do modelo teórico de universidade representado pela UnB, em sua essência crítica, que permitiu a ruptura com o modelo tradicional universitário; é a mesma essência crítica, portanto, que reabilitará a UnB a funcionar como esse modelo questionador de uma estrutura que não quer ser cristalizada; nesse sentido, as palavras que Darcy um dia utilizou para criticar a universidade tradicional podem ser reproduzidas como crítica à própria UnB:

não, temos, portanto, que reinventar a universidade, senão dar-lhe autenticidade e funcionalidade mediante a análise das estruturas que se ocultam sob suas formas aparentes e dos interesses particularistas que se disfarçam na ideologia da universidade tradicional, a fim de verificar quais são as possibilidades de modelar uma universidade nova que corresponda às necessidades do desenvolvimento autônomo (Ribeiro, 1969, p. 169).

Referências

BLOCH, Ernst. *O princípio da esperança*. Rio de Janeiro: EdUERJ; Contraponto. v.1.

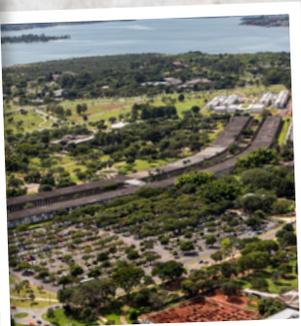
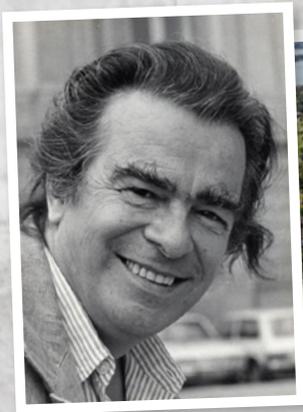
RIBEIRO, Darcy. “UnB: invenção e descaminho”. In: RIBEIRO, Darcy. *Carta: falas, reflexões, memórias*. Brasília: Gabinete do Senador Darcy Ribeiro, 1995.

RIBEIRO, Darcy. *Universidade pra quê?* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

RIBEIRO, Darcy. *A universidade necessária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

UNB. *Plano orientador da Universidade de Brasília*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1962.

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.



Darcy Ribeiro e a UnB

a universidade necessária no século XXI



Este livro é uma homenagem à Universidade de Brasília, que em 2022 completa 60 anos, e a Darcy Ribeiro, um de seus mais importantes idealizadores e fundadores, que faria cem anos. Quinze ensaios escritos por estudantes da UnB sobre Darcy Ribeiro e a universidade necessária compõem este volume, que é resultado de edital conjunto da UnB e do Conselho Editorial do Senado (Cedit).

Os textos desta coletânea projetam as vozes de estudantes, em um exercício que investiga os efeitos do pensamento e da ação de Darcy Ribeiro na jornada da Universidade de Brasília, as transformações pelas quais ela passou e aquelas que promoveu. Que vozes poderiam ser mais lúcidas que essas para colocar em perspectiva a história da Universidade? São vozes plurais que reiteram, de forma uníssona, o compromisso da UnB com a construção de soluções para os desafios do país e do mundo – fossem os passados, sejam os presentes. A despeito das diversas tentativas de cerceamento da ação emancipadora desta Universidade, afirmam os estudantes: a UnB alcança os seus 60 anos atuante como sempre, necessária como nunca.



UnB | DEX

